**VANTAGENS E DESVANTAGENS DO ENSINO HÍBRIDO
NO PÓS-PANDEMIA: ACONTECIMENTO
DISCURSIVO E ENUNCIATIVO**

Maria Sueneide da Silva Colares (SEMED-TO)
sueneidecolares43@gmail.com

RESUMO

O presente texto ocupa-se em compreendermos se a modalização do ensino híbrido, no pós-pandemia da Covid-19, constitui-se como um acontecimento discursivo ou enunciativo, ancorado na materialidade discursiva de documentos navegadores encontrados na mídia, durante a pandemia e na volta às aulas 50% presenciais. A pesquisa situa-se no campo do discurso educacional e, teoricamente, sustentado na Análise de Discurso (doravante, AD) na linha francesa. Buscamos uma sustentação teórica, na AD, nos possíveis diálogos em Michel Pêcheux (2008); Orlandi (1987); Furlanetto (2015); Godinho e Garcia (2016); Base Nacional Comum Curricular (BNCC); Portaria nº 882, publicada no D.O.U. de 26 de outubro de 2020, e outros. Analisamos os excertos enunciativos identificados nas vantagens e desvantagens do ensino híbrido no pós-pandemia; compreendemos que os professores e os alunos tiveram que reinventarem numa prática de aulas *on-line* e atividades *home office*, esses se viram diante de uma inovação e desafios, dos quais, não estavam pouco ou nada preparados. Enunciados como esses serviram de critérios para o ponto de encontro de uma nova realidade, um acontecimento discursivo que permitiu uma inscrição do acontecimento histórico no interdiscurso.

Palavras-chave:

Inovação educacional. Letramento tecnológico. Práticas discursivas.

ABSTRACT

This text is concerned with understanding whether the hybridization modalization, in the post-pandemic of Covid-19, constitutes itself as a discursive or enunciative event, anchored in the discursive materiality of navigating documents found in the media, during the pandemic and in the 50% in person. The research is located in the field of educational discourse and, theoretically, supported by Discourse Analysis (hereinafter, AD) in the Frenchline. We seek theoretical support, in AD, in the possible dialogues in Michel Pêcheux (2008); Orlandi (1987); Furlanetto (2015); Godinho and Garcia (2016); National Common Curricular Base (BNCC); Ordinance no. 882, published in the D.O.U. of October 26, 2020, and others. We analyzed the enunciative excerpts identified in the advantages and disadvantages of hybrid education in the post-pandemic; we understand that teachers and students had to reinvent themselves in online classes and home office activities, they faced an innovation and challenges, of which they were little or not prepared. Statements like these served as criteria for the meeting point of a new reality, a discursive event that allowed an inscription of the historical event in the interdiscourse.

Keywords:

Discursive practices. Educational innovation. Technological literacy.

1. Introdução

O tema da pesquisa: Vantagens e desvantagens do ensino híbrido⁵³¹ no pós-pandemia: acontecimento discursivo e enunciativo, nasceram das provocações discursivas e estudos dos textos na perspectiva da Análise de Discurso (AD), da linha francesa, no percurso das aulas *on-line* e atividades *home office* em uma disciplina cursada como aluna especial no Programa de Pós-graduação em Letras: ensino de língua e literatura, da UFT – *Campus* de Araguaína-TO, do segundo semestre de 2020.

Foi a partir dos estudos *on-line* e atividades *home office* que surgiram as instigações: O Ensino Híbrido (EH), no pós-pandemia da Covid-19, constitui-se como um acontecimento discursivo e enunciativo? Quais as vantagens e desvantagens dessa modalização de EH, no pós-pandemia? O objetivo geral da pesquisa: Compreendemos se a modalidade de ensino híbrido no pós-pandemia da Covid-19, constitui-se como acontecimento discursivo e enunciativo.

Neste contexto, retomamos a memória ao noticiário⁵³² sobre a pandemia da Covid-19, no Brasil, em 26 de março de 2020, entrevista ao vivo com o ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta, discorrendo sobre o primeiro caso do novo coronavírus no Brasil e sobre as medidas que o país estava adotando para conter a doença. Dentre as medidas tomadas pelo governo, a suspensão das aulas presenciais foram uma delas.

Com advento da pandemia, transportou ressignificação no campo educacional, nunca antes refletidas, como o uso de máscara obrigatório, distanciamento social, com as medidas de isolamento e higienização, devido ao auto índice de contaminação e de mortalidade causada pelo vírus. Esses protocolos de medidas originaram uma desestruturação no sistema regular de ensino com suspensão das aulas presenciais. A crise causada pela pandemia trouxe uma nova repaginação pedagógica para o ensino presencial e *on-line*, o mais significativo foi o aumento da utilização das tecnologias de informação e de comunicação.

Neste contexto, no discurso educacional, deparamos com o real universo físico e humano de coisas, pessoas, acontecimentos e processos

⁵³¹ O termo “pós-pandemia”, usado neste artigo tem o sentido volta ao normal (as autoridades já se preparavam com medidas) para retorno as aulas 50% presenciais do quarto bimestre.

⁵³² Retirado de um jornal *on-line* Gazeta do Povo, o *link* para acesso a entrevista consta no referencial deste trabalho.

o que Pêcheux (2008, p. 29), diz que o real “não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele, dá de encontros com ele, o encontra”. Buscamos uma sustentação teórica na AD, nos possíveis diálogos em Pêcheux (2008); Orlandi (1987); Furlanetto (2015), como também, as discursivizações dos textos midiáticos de Godinho e Garcia (2016); Base Nacional Comum Curricular (BNCC); Portaria nº 882, publicada no D.O.U. de 26 de outubro de 2020, e outros.

A atual pesquisa estrutura-se com a introdução, a segunda parte vem conceituando o acontecimento discursivo e acontecimento enunciativo, ancorado na Análise de Discurso, discorrendo como cada acontecimento se estrutura no discurso. A terceira parte vem conceituar o Ensino Híbrido antes, durante e pós-pandemia, subdividindo-se na identificação e análise dos excertos enunciativos das vantagens e desvantagens do ensino híbrido pós-pandemia.

Nas considerações finais, compreendemos que os professores e alunos tiveram que reinventarem numa prática de aulas *on-line*, *off-line*, e atividades *home office*, esses se viram diante de uma inovação e desafios, dos quais, não estavam pouco ou nada preparados. Enunciados como esses serviram de critérios para o ponto de encontro de uma nova realidade, um acontecimento discursivo que permitiu uma inscrição do acontecimento histórico no interdiscurso.

2. *Conceituando acontecimento discursivo e acontecimento enunciativo*

Na perspectiva teórica da Análise de Discurso (AD), procuramos associar os conceitos desse campo de pesquisa em memória social, partimos da premissa: O que interessa para AD? O que lhe interessa é o acontecimento tomado enquanto fato histórico, em decorrência de uma interpretação. Como afirma Casarin (2014, p. 194 *apud* LE GOFF, 1996), o fato histórico é uma construção que atesta a história como uma prática social e sua intervenção. Um acontecimento em si pode ocorrer independente do sujeito, mas só se torna fato histórico quando por ele simbolizado (interpretado por um recorte sobre o fato).

Na visão da AD, o acontecimento em si, tomado como fato histórico, é o que delineamos como acontecimento histórico, como algo preciso que gera múltiplas discursividades, muito embora, dado a incompletude do discurso, um acontecimento, na maioria dos casos, tem sido resul-

tado de uma discursividade antecedente, de uma construção discursiva. Na AD, acontecimentos em si, mesmo que negligenciados pelos historiadores, são gestos de interpretação, pois o esquecimento e/ou silêncio, também tem significado para o analista de discurso (LE GOFF, 1996, p. 11 *apud* CASARIN, 2014, p. 194).

Na perspectiva da AD, segundo Orlandi (1987, p. 9 *apud* FURLANETTO, 2005, p. 35-6), a linguagem em seu funcionamento, “aquilo que se diz, uma vez dito, vira coisa no mundo: ganha espessura, faz história. E a história traz em si a ambiguidade do que muda e do que permanece”. Ou seja, nos estudos discursivos buscam se compreender a língua não só como uma estrutura, mas principalmente como acontecimento. Na junção da estrutura e do acontecimento, a forma material, são vistas como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Assim afirma a autora:

[...] todo discurso é um deslocamento na rede de filiações, mas este deslocamento é justamente deslocamento em relação a uma filiação (memória) que sustenta a possibilidade mesma de se produzir sentido. [...] Cada acontecimento discursivo é inédito e o retorno da memória não é simples reprodução. (ORLANDI, 1996, p. 92-3 *apud* FURLANETTO, 2015, p. 36)

As autoras destacam, que cada acontecimento discursivo é novo e o retorno da memória não é fácil de se reproduzir. Neste sentido, Mariane (1998, p. 28 *apud* RODRIGUES; FERREIRA, 2013, p. 124) diz que a produção de sentidos relaciona se às “possibilidades enunciativas dos períodos históricos”. Essas possibilidades têm a função de articular sentidos atuais com os sentidos anteriores, com os sentidos não ditos e com os sentidos futuros.

Partindo dessa premissa, recorremos ao Pêcheux (2008) o qual afirma que o primeiro passo ou caminho a se tomar como tema um enunciado e trabalhar a partir dele. Adotamos o enunciado: o “ensino híbrido” o antes, o durante e o pós-pandemia, o contexto epidêmico da Covid-19, este tomado como fato/acontecimento histórico, ancorado no discurso educacional.

Neste sentido, nos resta compreender que ao se tratar de estrutura e de acontecimento tais propostas se entrecruzarão nos caminhos de acontecimentos, através da tensão entre a descrição e a interpretação, nos direcionando a uma compreensão que o acontecimento histórico abre caminhos ao acontecimento discursivo, que leva a uma discursividade de

acontecimento, no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória (PÊCHEUX, 2008, p. 16 e 17).

Discorremos sobre a construção de Pêcheux (2008) e reconstrução do enunciativo por Cazarin e Rasia (2014, p. 195) o acontecimento discursivo permiti a inscrição do acontecimento histórico no interdiscurso. Um acontecimento discursivo cria uma ruptura, que rompe com a ‘estabilidade’ anterior e inaugura uma nova ‘estabilidade’ discursiva, mas não logicamente organizada, pois a mesma tem a ver com a ordem do discurso que joga com a materialidade linguística e com a materialidade histórica.

Podemos então melhor entender o acontecimento discursivo e parafrasear com Indursky (2008, p. 28) em que ela interroga qual a diferença entre os dois acontecimentos? o acontecimento discursivo determinado pelo surgimento de uma nova forma-sujeito e, seguida de uma nova formação discursiva (FD). A partir dessa nova FD, evidencia-se a uma ruptura radical e definitiva, pois o sujeito não suporta mais os saberes da FD em que se inscrevia e com ela se desidentifica, dela se retirando. Este movimento, o encaminha para uma instauração de uma nova FD é a produção de novos saberes. Este é o conhecimento discursivo. Para a compreensão do conhecimento enunciativo temos gestos afirmativos na citação abaixo:

Já o conhecimento enunciativo implica apenas a instauração de uma nova posição-sujeito no interior de uma mesma FD. Dito de outra forma: surge aí uma nova fragmentação em relação à forma-sujeito, ou seja, surge aí um novo modo de enunciar os sentidos no interior de uma formação discursiva, mas este novo modo não opera pelo viés da ruptura com a formação discursiva e com a forma-sujeito. Seu funcionamento se dá pelo viés da tensão e do estranhamento com a forma-sujeito. Ou seja: este conflito é interno à FD e se dá em relação aos modos enunciativos de uma determinada posição-sujeito, geralmente dominante. Surge novos saberes, provenientes de outro lugar, no interior de uma mesma FD e estes aí acarretam um forte estranhamento. Este é o acontecimento enunciativo. (INDURSKY, 2008, p. 28 e 29)

Compreendemos que o acontecimento discursivo remetido para fora, é externo a formação discursiva que lhe dá origem, a um novo sujeito histórico. Já o acontecimento enunciativo estimula a divisão da forma-sujeito e se dá, por um futuro, no interior da própria formação discursiva, dando origem a nova posição-sujeito. A ruptura com a formação discursiva e com a sua forma-sujeito foi designada por Pêcheux (2008) de acontecimento discursivo.

3. O ensino híbrido: antes, durante e pós-pandemia da Covid-19

Primeiramente retomamos o discurso educacional sobre o ensino híbrido, apontando que essa modalidade já existia no Brasil, antes da pandemia da Covid-19, como discorrem Godinho e Garcia (2016, p. 3), o termo ensino híbrido ou *blended learning*, tem origem inglesa, surgiu por volta do ano 2000, em cursos educacionais voltados para empresas, mas recentemente, a metodologia evoluiu e começou a ser usado na sala de aula, englobando uma diversidade de recursos e diferentes abordagens, combinações e ambientes de ensino e de aprendizagem. São modelos sustentados numa combinação híbrida, o ensino presencial com o online, como na citação:

De modo consistente com sua natureza sustentada, os modelos de Rotação por Estações, Laboratório Rotacional e Sala de Aula Invertida podem ser implementados sem grandes mudanças na alocação de recursos e outros processos já estabelecidos em uma escola. Nenhum dos modelos requer uma completa mudança de instalações físicas ou corpo de profissionais. Cada um deles introduz uma solução híbrida que combina a sala de aula tradicional com uma nova tecnologia – o ensino online – para criar algo com melhor desempenho, de acordo com a definição iniciá-la respeito de o que uma boa sala de aula deve fazer. (CHRISTENSEN; HORN; STAKER, 2013, p. 31)

Ainda, no retorno à memória discursiva, os analistas anos atrás, já conjecturavam que há longo prazo, os modelos de ensino híbrido estariam a caminho para tornarem-se bons o bastante para atrair estudantes tradicionais, mas aqueles que adotarem o ensino híbrido como uma inovação sustentada nos modelos híbridos. E em relação à sala de aula tradicional nesta fase de transição possuem bons motivos para não jogar o velho fora em favor do novo neste momento. Pois o sistema educacional tradicional, que oferecem uma proposta valorizada por muitos pelo fator de sua criação de ordem disciplinar em torno do papel central do professor como bem definido. (CHRISTENSEN; HORN; STAKER, 2013, p. 42-3).

Ao fazemos menção do ensino híbrido, no Brasil, durante o acontecimento histórico da pandemia da Covid-19, de 2020, encontramos uma repaginação no modelo de ensino das aulas presenciais, outrora “normal” aliado a paradigmas e a rituais de um sistema de “ensino tradicional”, até então, o papel centrado entorno do professor, confirmando, dessa forma, o que Pêcheux (2008) chamou de “o ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória.”

Nessa nova organização da educação, no período de suspensão das aulas presenciais durante pandemia, as escolas, os professores, os alunos, as famílias e o próprio sistema de ensino depararam-se com grandes desafios e a urgência de uma nova inserção de postura organizacional no ensino. Surgindo o enunciado “reinventar”, sugerido aos modelos de ensino híbrido, que são centrados na personalização do aluno e na flexibilidade do ensino, aonde o conhecimento sai das quatro paredes da sala de aula, levando os estudantes a aprenderem em qualquer lugar a qualquer momento, em grupos ou individualmente, por Godinho e Garcia (2016, p. 5).

Como reafirma Brasil (2020) que a pandemia da Covid-19 transportou consigo vários desafios para a sociedade, causando impactos nas políticas públicas e, muitas incertezas, em relação aos desdobramentos das políticas de saúde. No contexto educacional teve efeito tempestivo com a suspensão das aulas, como na afirmação citada abaixo:

Na educação, o efeito tempestivo da suspensão das aulas fez com que professores e alunos tivessem que se ajustar rapidamente às novas formas de ensinar e aprender. Nesse contexto, o uso das tecnologias e as aulas remotas emergiram como alternativas para dar seguimento às atividades escolares. (BRASIL, 2020, p. 2)

Para a retomada das aulas presenciais, o Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Básica (SEB), da Secretaria de Alfabetização (Sealf) e da Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (Semesp), elaboraram um guia de orientação, com embasamento em diferentes documentos, servirá de base para os sistemas e redes de ensino ou quando forem elaborar seus próprios guias ou planos de retorno às atividades presenciais. (BRASIL, 2020, p. 2). Para manter o distanciamento, o Guia sugere: “Pode-se utilizar o ensino híbrido, ou seja, parte dos alunos com aulas presenciais e parte com aulas virtuais e/ou síncronas em casa ou outro local, com atividades e trabalhos a serem realizados em casa.” (*Ibidem*, p. 17).

Quanto à formação continuada de professores, o MEC elaborou uma normativa para a educação básica, a Portaria nº 882, publicada no D.O.U., de 26 de outubro de 2020, com novas diretrizes reforçando o uso das tecnologias nos processos de aprendizagem. O Projeto Pedagógico e as políticas da formação desses sistemas ofertarão programas que atenderão as regionais formativas contextuais. Entre outras ações, as atividades formativas diversas, presenciais, a distância, semipresenciais ou na forma

híbrida, ou por outras estratégias não presenciais. (BRASIL, (2020, p. 8-9).

4. As vantagens e desvantagens do ensino híbrido no pós-pandemia

Segundo Pêcheux (2008),

O discurso-outro, enquanto presença virtual na materialização descritiva da sequência, marca, do interior desta materialidade, a insistência do outro como o próprio princípio do real sócio-histórico. (PÊCHEUX, 2008, p. 55)

Na perspectiva da AD, analisamos os excertos enunciativos encontrados nos textos, que remetem sentidos das vantagens e desvantagens do EH, no pós-pandemia, discursivizações de materialidade, ancorado no discurso educacional em registros midiáticos produzidos por especialistas educacionais.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2020, p. 8-9) assegura aos estudantes da Educação Básica às aprendizagens essenciais e o desenvolvimento das dez competências gerais. Vale ressaltar que essas competências se inter-relacionam e desdobram-se no tratamento didático proposto para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, e Ensino Médio). A quinta competência sugere uso das novas tecnologias nas práticas escolares, como na citação abaixo:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2020, p. 9)

Tomamos essa quinta competência com enunciações de vantagens para a modalidade do EH, pós-pandemia, por ela remeter um leque de sentidos, voltados ao professor e ao aluno. Na forma explícita, a competência é destinada ao desenvolvimento do estudante, mas antes de ser aplicada ao aluno, o primeiro protagonista, nesse processo é o professor, adequando seu planejamento, a criação e produção das tecnologias, responsável em orientar, motivar e possibilitar as oportunidades de acordo com a singularidade de cada aluno colocando-o no centro da aprendizagem.

Nas leituras realizadas da Portaria nº 882, publicado em 26 de outubro de 2020, conteúdo em 37 páginas, que formula a base para forma-

ção continuada dos professores, observa-se que este documento pressupõe o desenvolvimento das dez competências gerais disposta na BNCC, para a formação inicial, as quais são essenciais para a promoção de situações favoráveis para um aprendizado significativo do aluno. (BRASIL, 2020, p. 12-3).

Outras formações enunciativas, emitindo os sentidos das vantagens e desvantagens do ensino híbrido pós-pandemia demonstram as menções recortadas de uma reportagem no portal de notícias na Agência Brasil, uma publicação de uma entrevista intitulada: Ensino híbrido é tendência para a vida escolar no mundo pós-pandemia, o especialista educacional, professor e autor de livros didáticos, Rocha (2020), como seguem enumeradas:

- (1) Com apoio de ferramentas de tecnologia, vai invadir mais fortemente a vida do estudante no mundo pós-pandemia. Mas o formato exige muito mais mudança dos professores do que dos estudantes.
- (2) Com apoio de ferramentas de tecnologia, vai invadir mais fortemente a vida do estudante no mundo pós-pandemia. Mas o formato EH, exige muito mais mudança dos professores do que dos estudantes.
- (3) A relação com o digital para as crianças e os jovens não é uma relação nova, já é presente. Nativos digitais [...] o esforço está em transferir essa habilidade dos jovens para a área da educação.
- (4) Os professores estavam acostumados a ensinar, agora eles terão que aprender para ensinar. (ROCHA, 2020)

Nesses enunciados, o exemplo (1) a primeira parte do exemplo (2) e (3) são tomados como vantagens direcionadas aos estudantes na modalidade do EH, no pós-pandemia. Tomamos o exemplo (4), a segunda parte do exemplo (2) e (3) – são menções de desvantagens direcionadas ao professor, onde o mesmo terá que se esforçar para aprender e a envolver os estudantes no centro do processo de aprendizagem.

- (5) Essas ferramentas ainda não são tão fáceis de serem trabalhadas, porque a grande maioria dos professores não é nativa digital, o que gera certa dificuldade para que o processo todo aconteça de maneira tranquila.
- (6) Os professores conseguirão dominar essas ferramentas digitais para colocá-las em prática e permitir o ensino híbrido se torne cada vez mais uma realidade.
- (7) Vamos gerar a possibilidade de trazer para esses alunos informações muito mais criativas e envolventes, ou seja, muda muito e muda para melhor.
- (8) O ensino híbrido só pode ser feito por meio de internet, há um prejuízo para aquelas crianças e jovens que não tem acesso. (ROCHA, 2020)

Analisando os exemplos (5), (6) e (7) estão reportando ao professor como forma de vantagens, apesar das dificuldades vão gerar possibilidades de passar ao aluno informações mais criativas e envolventes. E, por último, o exemplo (8), como desvantagens do EH, para os alunos que não têm acesso à internet. Enfim, a pandemia da Covid-19, trouxe esse formato do ensino híbrido, com ele professores e alunos terão possibilidades de mudanças definitivas nas realidades educacionais no Brasil, mas para isso acontecer sem barreiras e sem limites precisamos ter vontade de aprender e a usar as novas ferramentas tecnológicas.

5. Considerações finais

Nas últimas amarrações da discussão proposta neste texto, recorreremos as indagações no início: O ensino híbrido, no pós-pandemia da Covid-19, constitui-se como um acontecimento discursivo e enunciativo? Quais as vantagens e desvantagens dessa modalização de EH, no pós-pandemia?

Para responder essa indagação e aos objetivos da proposta, percorremos a trilogia de Pêcheux (2008, p. 43-4): o “ler, descrever e interpretar – o movimento intelectual que recebeu o nome de “estruturalismo” (...) considerado antipositivista, visando a levar em conta este tipo de real, sobre o qual o pensamento vem dar, no entrecruzamento da linguagem e da história. Como na reafirmação de Pêcheux:

A posição de trabalho que aqui evoco em referência à análise de discurso [...] supõe somente que, através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados. (PÊCHEUX, 2008, p. 57)

De acordo como embasamento teórico na perspectiva da AD, delineados no capítulo dois, evidenciamos sobre o acontecimento discursivo e enunciativo. Compreendemos que o enunciado “ensino híbrido pós-pandemia” se constitui em acontecimento enunciativo, pois não houve uma ruptura do ensino híbrido, durante e no pós-pandemia. Houve uma reorganização do ensino híbrido e uma mudança na inscrição do acontecimento histórico no interdiscurso.

Ao descrever e ao interpretar o acontecimento histórico e discursivo, compreendemos que a pandemia da Covid-19, iniciada no Brasil, no dia 26 de março de 2020, constitui-se como acontecimento histórico e

discursivo, pois é marcado por fatos/acontecimentos históricos, como reafirma Casarin (2014), “o acontecimento histórico é algo pontual, capaz de gerar múltiplas discursividades.”

Na terceira parte do trabalho conceituamos o termo ensino híbrido e pesquisamos sua disseminação no campo educacional, no antes, durante e pós-pandemia. No subtítulo identificamos as vantagens e desvantagens do EH, no pós-pandemia; analisamos que houve um protagonismo dessa modalidade de ensino, na pandemia da Covid-19, no meio educacional, onde os professores e os alunos, desempenharam o papel de protagonistas do ensino–aprendizagem.

Enfim, tiveram, que se reinventarem numa prática de aulas *on-line* e atividades *home office*, como autores se viram diante de uma inovação e desafios, dos quais, não estavam pouco ou nada preparados. Enunciados esses que serviram de critérios para o ponto de encontro de uma nova realidade, um acontecimento discursivo que permitiu uma inscrição do acontecimento histórico no interdiscurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORALES, Blanca de Souza Vieira. Sujeito: imaginário, simbólico e real. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (Orgs). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 34-46

BRASIL. Ministério da Educação. MEC lança guia para orientar o retorno seguro das aulas presenciais nas redes de ensino estadual e municipal. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/10/mec-lanca-guia-para-orientar-o-retorno-seguro-das-aulas-presenciais-nas-redes-de-ensino-estadual-e-municipal>. Acesso em: 12 out. 2020.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular (BNCC). Brasília. Disponível em: [BNCC_EI_EF_110518_versoafinal_site.pdf](#) (mec.gov.br). Acesso em: 05 out. 2020.

_____. Ministério da Educação. Novas diretrizes reforçam uso da tecnologia nos processos de aprendizagem. Brasília, 2020. Disponível em: [Novas diretrizes reforçam uso da tecnologia nos processos de aprendizagem – Português \(Brasil\)](#) (www.gov.br). Acesso em: 28 out. 2020.

CAZARIN, Ercília Ana; RASIA, Gesualda dos Santos. As noções de acontecimento enunciativo e de acontecimento discursivo: um olhar sobre o discurso político. *Letras*, v. 24, n. 48, p. 193-210, Santa Maria, jan./jun. 2014.

_____. Posição-sujeito: um espaço enunciativo heterogêneo. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana. (Orgs). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 109-12

CHRISTENSEN, C.; HORN, M.; STAKER, H. *Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos*. Maio de 2013. Disponível em: <http://porvir.org/wpcontent/uploads/2014/08/PTIS-K-12-blended-learning-disruptive-Final.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

FURLANETTO, Maria Marta. Discurso: estrutura e acontecimento. *Uma avaliação teórica*, v. 9, n. 3, p. 34-60, jul/set. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>

GODINHO, Vivian Thais; GARCIA, Clarice Aparecida Alencar (Org.). Caminhos híbridos da educação: delimitando possibilidades. *Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância*. 3. ed. Universidade Federal de São Carlos (UFS-Car), 2016.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito na Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (Orgs). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 9-33

MANDETTA, Luiz Henrique. Vigilância sanitária Ministro da Saúde fala sobre o 1º caso de coronavírus no Brasil. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/ao-vivo-primeiro-caso-coronavirus-brasil-entrevista-coletiva-ministro-saude/>. Acesso em: 18 set. 2020.

ROCHA, Ismael. Ensino híbrido é tendência para a vida escolar no mundo pós-pandemia. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/ensino-hibrido-e-tendencia-para-vida-escolar-no-mundo-pos-pandemia>. Acesso em: 06 out. 2020.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Trad. de Eni P. Orlando. 5. ed. Campinas-SP: Pontes, 2008.